LINGUAGEM CIENTÍFICA E LINGUAGEM COMUM

Dari José Klein¹

RESUMO: Este estudo tem por objetivo apresentar características da linguagem científica do texto escrito, contrapondo-as às da linguagem comum – ou coloquial - e analisar ocorrências de interferência da linguagem comum do dia-a-dia em artigos, obras editadas e em trabalhos de final de curso de acadêmicos do Curso de Secretariado Executivo Bilingüe.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem científica; linguagem comum; interferência.

ABSTRACT:

This study has the objective to present characteristics of the scientific language of written text, opposing them to the one of the common language - or colloquial one - and to analyze occurrences of interference of the common language of the day by day in articles, magazines, edited books and in academic works of the Executive Secretarial Bilingual Course.

WORD-KEYS: Scientific language; common language; interference.

1 INTRODUÇÃO

Quando se toma um texto científico à mão para lê-lo, o que se espera é que esse texto apresente uma linguagem científica, impessoal, objetiva e técnica, mas nem sempre isso de fato ocorre. Embora essa linguagem seja a menos complexa, à maioria dos seres humanos pode parecer estranha e nem sempre inteligível. Para ser o mais objetiva e clara possível, emprega concisão e vocábulos em seu sentido literal, denotativo. Mas aqui se verá que isso nem sempre acontece. O que se encontra são analogias e metáforas, mesmo advindo de aqueles que nunca pensaram

---

¹ Prof. de Língua Espanhola no Curso de Secretariado Executivo Bilingüe da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa - Membro do GESSEB e do Grupo de Estudos e Aperfeiçoamento em Produção Textual - dajoklein@hotmail.com

sequer produzir uma metáfora em sua vida. O uso dessa linguagem tem, sem dúvida, implicações no ensino e no estudo das ciências.

2 A LINGUAGEM COMUM E A LINGUAGEM CIENTÍFICA

Segundo COSTA VAL (1999), a partir da década de 60, na Europa, mas somente a partir da década de 80 no Brasil, com a contribuição da lingüística textual, passou-se a estudar a natureza do texto e os fatores envolvidos em sua produção e recepção. O que pode ser pertinente numa determinada situação pode não ser em outra. É possível estabelecer-se uma relação simples da linguagem com a vestimenta: usa-se uma ou outra, conforme a ocasião e a intenção que se queira provocar.

Dentre os fatores pragmáticos, apontados por DRESLER (1983), a intencionalidade e a aceitabilidade, ou seja, ao se construir um texto tem-se em mente um objetivo definido, numa determinada situação comunicativa, que se direciona ao outro, que por sua vez o receba como informativo, relevante e útil. Em resumo, o produtor faz uso de estratégias para obter a aceitabilidade do receptor. Entre elas estão a cooperação que espera de seu interlocutor, a relevância e qualidade das informações que veicula e a maneira como essas informações são apresentadas, ou seja, as qualidades inerentes ao seu discurso: precisão, clareza, ordenação, concisão. As escolhas – estrutura sintática, vocabulário e estilo – exercem funções significativas e diferentes efeitos de sentido no contexto em que se realiza. BEAUGRANDE E DRESSLER (1983) também apontam a situacionalidade, que diz respeito à pertinência e relevância de um texto quanto ao contexto em que ocorre, ou seja, é a adequação do texto à situação sociocomunicativa. Há, pois, diferentes tipos de textos e naturalmente diversos tipos de linguagens, dependendo das intenções, dos interlocutores, das situações ou mesmo dos veículos através dos quais são transmitidos. Assim, há diferenças essenciais entre os textos das sinopses do filme, das instruções da bula de remédios e do bilhete que se deixa na porta da geladeira. Mas para este trabalho importam dois grupos: o texto científico e o texto comum e suas respectivas diferenças.

A linguagem científica tem, e precisa ter, características próprias que a distinguem da linguagem comum. Essas características não foram inventadas por alguém em algum determinado momento historicamente. Muito pelo contrário, foram

sendo estabelecidas ao longo do desenvolvimento científico, como forma de registrar com maior clareza e objetividade o conhecimento. Essa linguagem tem suas características próprias, que fazem de um discurso científico ser científico, e não fazem parte da linguagem de uso comum no cotidiano das pessoas, ou seja, não é de emprego corrente pela maioria delas. Daí advém a dificuldade, por sua vez, em produzir-se um discurso que seja puramente científico, pelo simples fato de não se exercitar a fazê-lo tão freqüentemente. Chega-se à conclusão de que, para se produzir ciência, há que se dominar habilmente a linguagem científica. O grau de habilidades e domínio semântico e sintático, as implicações das diferentes possibilidades semânticas do vocabulário empregado nos conceitos e proposições, que são exigidas a um cientista no seu afazer, estão num grau muito mais elevado que em relação ao produtor do texto comum ou ao literato. A este último se permitem licenças poéticas; ao primeiro, não. Redigir bem e claramente, por isso, às vezes, não apenas se considera uma habilidade senão uma arte.

Conta-se que Lee Iacocca², mega-empresário da indústria automobilística norte americana, dono de uma capacidade de comunicação acima da média, em sua autobiografia, relata que aprendeu de Robert McNamara que lhe pediu que pusesse todas as suas idéias no papel. Reconhecia que este era muito eficiente cara-a-cara, pois conseguia vender qualquer coisa a qualquer um. Diante de um grande investimento a fazer, baseando-se numa grande idéia deste, pedia-lhe que em sua casa, em seu escritório a detalhasse no papel. Se não conseguisse fazê-lo é porque ainda não havia trabalhado a idéia o suficientemente. Antoine de Saint-Exupery tanto reescreveu seu opúsculo que chegou a pensar que jamais o editaria, pois já não lembrava a quantidade de vezes que o havia tomado à mão e reescrito.

Enquanto que na linguagem comum predominam narrativas – com referências a tempo e espaço – que relatam seqüências lineares de eventos, na linguagem científica são tratados eventos estáticos, com enfoque nas relações permanentes entre os processos. Eis por que ela é também universal, válida para todos e qualquer lugar. A linguagem científica é, portanto, predominantemente estrutural, estável e fixa, enquanto que a linguagem cotidiana é linear, apresentando uma ordem seqüencial. Isso fica patente na narração de um fato, em que importa a sucessão dos eventos e a relação entre eles.

---

² IACocca L.; Novak, W. *Iacocca, uma autobiografia*. São Paulo: Livraria Cultura, 1985. p.66. In.FEITOSA, Vera Criostina. *Redação de textos científicos*, 7.ed. São Paulo: Papyrus, 2003

A impessoalidade é outra das características da linguagem científica. Isso implica que importa menos o sujeito que aquilo ou o que se diz. Nela o agente normalmente está ausente, pelo uso de formas impessoais dos verbos, o que faz com que ela seja propositalmente descontextualizada, sem a perspectiva de um narrador. No entanto, na linguagem cotidiana, o narrador está sempre presente. E, sobretudo, quando esse fala, seu discurso é espontâneo e faz uso de outros recursos de ordem não verbal, como expressão facial, gestos, entonação, tom de voz, entre outros, que contribuem para a realização da comunicação e contribuem para a o sentido que se deseja para o enunciado.

A linguagem cotidiana é espontânea, automática e fluente, e, dadas essas características, está muito mais próxima da fala que do texto escrito. Isso se dá em razão de as pessoas não terem a necessidade, comumente, de estar pensando e selecionando ou escolhendo a todo o momento os termos e a forma como se vai dizer algo. A linguagem científica, no entanto, exige uma reflexão consciente no seu uso, e se aproxima muito mais da linguagem escrita. Isso também explica a razão pela qual a tarefa de produzir um discurso escrito ser mais árdua que a de produzir um discurso oralmente, em parte porque não se faz disso um hábito. A gramática da linguagem coloquial do dia-a-dia é mais complexa e flexível, pois nela participam outros elementos, não-verbais, que contribuem para a comunicação. Há, pois, vários fatores que tornam a linguagem coloquial tão diferente da científica. Sobre essa diferença fundamental, LACAZ-RUIZ³, professor de Metodologia Científica da Universidade de São Paulo, comenta e marca a diferença entre a linguagem científica e a comum: "Esta admite frases longas, complexas e retóricas, para passar imagens e sensações ao leitor. Ao contrário, a linguagem científica deve ser *clara, objetiva, escrita em ordem direta e com frases curtas*". Logo, esse não é o estilo que se costuma encontrar na maioria dos textos. Para se chegar a esse ponto, é, portanto, preciso forjar-se o hábito de redigir clara e objetivamente. O citado autor ainda acrescenta que é preciso que a linguagem passe por uma adequação ao se empenhar a produzir algo empregando a linguagem científica. E, por último, faz uma severa crítica às instituições, creditando-lhes a causa dessa situação: "Esse assunto tem sido negligenciado pelos cursos de Pós-Graduação no Brasil, originando a formação de Mestres e Doutores inabilitados para escrever artigos científicos. Geralmente esses

---

³ LACAZ-RUIZ, Rogério. **Notas e reflexões sobre redação científica**. In: www.hottopos.com Acesso em 13/08/2005

juvencs pesquisadorec não tem consciência disso e passarão suas deficiências aos futuros orientados”.

Para FEITOSA (2003)⁴, escrever é uma das habilidades que demanda tempo, esforço intelectual, mas para o cientista o ato de escrever não é apenas uma oportunidade de compartilhar suas investigações no campo da ciência, senão que também aprimorar o seu trabalho e contribuir para o desenvolvimento de seu país e da Humanidade.

E escrever faz parte do afazer científico. Isso é tão verdade que, do contrário, sem a escritura, não se poderia hoje dispor de todo o saber acumulado historicamente pela humanidade. Toma-se o exemplo do pouco que se conhece de culturas tão evoluídas quanto as nazca, inca, maia e asteca devido ao fato de não terem deixado nada por escrito. Mas escrever não  tarefa fácil, e com isso todos estão de acordo. Há os medos. E o primeiro deles é expor-se, revelar suas idéias e estar em possibilidade  crítica e  contestação.

A linguagem científica exige maior formalidade no emprego da linguagem escrita. Há que se obedecer a certas normas e preceitos gramaticais, no entanto, no momento de se expor as idéias é mais produtivo que a obediência às regras seja a menor das preocupações. Isso fica para a terceira, quinta ou sétima leitura; o mais importante nisso é expor claramente as idéias. E idéias claras para serem bem entendidas não carecem de vocabulário rebuscado ou complexas orações subordinadas substantivas completivas nominais...

Mas nem por isso a linguagem científica prescinde de certo grau de formalidade. No entanto, há muitos autores que preferem creditar ao estilo pessoal a informalidade no emprego da linguagem com caráter científico. Para estes, o emprego de *eu*, *você*, *nós*  uma forma de responsabilizar-se pelo que expõe através de seu texto. Mas a impessoalidade continua fazendo parte da maioria dos textos pela força do efeito de sentido que representa a ausência do sujeito-agente. Assim, pois ainda se d na linguagem científica propositalmente a ausência do autor ou enunciador. Alguns autores chamam a esse artifício de “nominalização”, o artifício através do qual se substitui um nome por outro, como ocorre na metáfora, mas sim a substituição de uma classe ou estrutura gramatical por outra. Ou seja, a linguagem científica substitui os processos, expressos normalmente por verbos, por grupos nominais. A

---

⁴ FEITOSA, Vera Cristina. **Redação de textos científicos**, 7.ed. Campinas, SP: Papyrus, p.11

metáfora gramatical não é algo que foi inventado pelos cientistas em um momento determinado. Esse gênero de discurso foi sendo construído ao longo do desenvolvimento da própria ciência para responder a uma necessidade do discurso científico de progredir passo a passo na construção do conhecimento.

Já, na linguagem cotidiana, os processos (ações, eventos, processos mentais) se expressam por verbos; os participantes (pessoas, animais, objetos concretos e abstratos) desses processos se expressam por nomes e substantivos; as circunstâncias (tempo, lugar, modo, causa, condição) se expressam por advérbios e locuções adverbiais; e as relações entre os processos se expressam por conjunções.

3 A LINGUAGEM COMUM DE ARTIGOS E TEXTOS ACADÊMICOS

Tomando-se textos dos Relatórios de Estágio do Curso de Secretariado, presentes na biblioteca do campus e também os artigos dos números da Revista Expectativa, são citados trechos para apresentá-los como ocorrências de emprego de linguagem comum e literária. De seus autores, são citadas apenas as iniciais, pois aqui não importa o autor senão a ocorrência, posto que este não é pontual e sim um fenômeno generalizado, ou seja, poderiam ser tomados de qualquer um e não necessariamente os que foram tomados. Aos enunciados, ao serem aqui apresentados, se propõe uma possível forma alternativa de expressar-se o mesmo conteúdo semântico – efeito de sentido - numa linguagem objetiva e clara, ou seja, numa linguagem que tende a científica. Nessa “tradução” não se quer dizer que se pretende afirmar que o diferente é melhor ou pior, mais correto ou menos correto. É, sim, o mesmo conteúdo semântico, mas numa linguagem diferenciada e, ao contrário do alguns poderiam afirmar, mais concisa e mais clara ao leitor, pois a linguagem mais simples, com construções menos complexas, faz parte da linguagem do cotidiano. Se isso não bastasse, a linguagem comum é também a linguagem do cientista no seu dia-a-dia como homem comum.

Quando DENTON (1990, 41) diz que “a qualidade dos serviços é altamente dependente da forma como os empregados na linha de frente são tratados” (VHS, 2004, 4), a expressão “linha de frente” não deixa de ser um emprego da linguagem conotativa, analógica. Tal como numa batalha, “os guerreiros da linha de frente” são os mais importantes, assim, em vez de utilizar essa expressão, o autor poderia ha-

ver dito: “aqueles funcionários que estão em contato direto no atendimento ao público” ou também em outra construção: “todo setor de prestação de serviços, por melhor que seja, está comprometido se a linha de frente não cumprir o seu papel”. Percebe-se que nestes dois trechos que a expressão “linha de frente”, embora não seja da linguagem científica, objetiva, é mais econômica tanto quanto “*front line*” e é suficientemente clara ao leitor. Neste ponto pode-se dizer que, ao empregar tal expressão o enunciador conta com o conhecimento que o enunciatário – o leitor do texto - tem dessa expressão, pois a produção de seu discurso leva em consideração o conhecimento que seu leitor detém. Esta talvez seja uma das contribuições mais importantes da Análise do Discurso. O autor interage com o leitor do texto e vice versa; é ponto de interação entre falante e ouvinte, autor e leitor. É o texto dialógico defendido por Bakhtin nas primeiras décadas do século passado, mas que só chega ao Brasil nas últimas três décadas do século.

A autora VHS (2004, 4), referindo-se à empresa, afirma que “ela procura ensinar aos funcionários o caminho para o bom atendimento”. Aqui, “caminho” estaria substituindo vocábulos como “meio, procedimento, atitude, postura...”, que são neutros, no entanto, ao produzir seu enunciado o enunciador deu preferência ao termo “caminho”. Isso talvez se explique pelo peso semântico – carga de sentido – que possui o sentido figurado do termo “caminho” e, quando da produção, certamente em nenhum momento, haveria pensado que seu potencial interlocutor não o entenderia, pois no ato de produção e enunciador conta com o conhecimento de seu enunciatário.

A autora VHS (2004, 43), em seu relatório sobre as expectativas dos patrões em relação à produtividade de suas funcionárias relata que “por parte dos proprietários, observou-se que estes esperam mais dos funcionários (...) no entanto elas não acordaram para as possibilidades...”. “Acordar para algo”, assim como “despertar para algo” é comum na linguagem coloquial, no sentido de “dar-se conta ou perceber”. Há que se dizer, no entanto, que a força expressiva – e quando se diz dessa forma também se emprega uma metáfora – do “acordar para” em relação ao “dar-se conta” ou outro equivalente detêm um conteúdo semântico diferente. Esse conteúdo semântico é comum tanto ao enunciador quanto ao enunciatário, ou seja, produtor e receptor do discurso. Da mesma forma, Lakatos e Marconi (1986, 153), quando afirmam que “o êxito da pesquisa vai depender de sua capacidade de conseguir

passar da figura de um estranho para o de um amigo”, fazem uso de um recurso que pertence à linguagem literária, comparando duas figuras: o amigo e o estranho.

Outra autora MMM (2004, 4), tratando historicamente do comércio comenta que “as feiras comerciais floresceram do século XII ao século XIV”. Emprega aí “floresceram” com sentido de “tiveram grande expansão” ou “atingiram um alto nível de desenvolvimento”. Aqui se percebe que não é a linguagem científica, objetiva que é mais concisa; pelo contrário, o verbo “florescer” detém um conteúdo semântico que para supri-lo são necessários vários vocábulos combinados. Mais adiante (Idem, 7) quando diz que “o comércio se apresenta atrelado ao desenvolvimento do lugar onde está inserido”, o termo “atrelado” passou a ser usado com seu sentido conotativo, o que não é próprio da linguagem objetiva, que deveria empregar sempre o sentido literal de cada termo; ou quando diz que “... as empresas sofrem um processo de seleção natural” o termo faz referência à teoria evolucionista, cuja proposição básica assegurava a sobrevivência do mais forte, ou seja, naturalmente os mais fracos vão sendo eliminados, numa seleção natural. Essa passou a ser conhecida como “a lei da selva”, à qual se recorre para fazer uma analogia às leis de mercado. Na mesma frase o verbo empregado “sofrer” propriamente seria apenas empregado com referência aos seres vivos. Então, com referência às organizações se poderia propor “passam por um processo” como opção de substituição.

Com grande freqüência no capítulo referente à organização ocorrem proposições com juízo de valor, naturalmente sempre positivos, tais como em MMMM (2004,19): “Com uma visão mais arrojada e voltada para as tendências do mercado...” ou em “a difusão desse nicho de mercado...”. Também MFPB (2001,8)⁵, emprega o mesmo termo em seu artigo: “... verificar possíveis nichos potenciais ou áreas onde possa ampliar as atividades para ocupar novos mercados”. Aqui “nicho” também não está sendo empregado em seu sentido literal, mas conotativo, ou seja, uma relação analógica, metafórica. Ademais, parece dar-se preferência a este sentido quando se trata de espaço para demanda de certo produto no mercado. E, por último, quando a mesma autora diz que “a cultura do y,xx veio par ficar” também emprega não o sentido denotativo, literal, mas o conotativo, que é característico da linguagem coloquial e também da literatura.

---

⁵ Revista Expectativa. V.2. n.2. Cascavel: Edunioeste, 2003.

A autora MFPB (2003,7; Expectativa, n.2), comentando habilidades essenciais da empregabilidade, afirma que “Vive-se na era do capital intelectual. Trabalho mais mental e intelectual. E quem souber ofertar e vender essa matéria-prima tem um futuro promissor pela frente”. Aqui a própria expressão “capital intelectual” não deixa de ser uma metáfora e está bem empregado, assim como também “matéria-prima”. O sentido primeiro de “matéria” é indiscutivelmente material, sólido; portanto, matéria-prima, material básico para a construção de algo, tem também seu sentido conotativo, metafórico. Disso conclui-se que os vocábulos tomados em sentido literal, denotativo, não são suficientes e, mesmo na linguagem objetiva de textos científicos, recorre-se ao sentido conotativo de muitos. Assim também, quando a autora (FRVB, 2003,10, Expectativa, n.2), comentando as demandas de mercado, afirma que “toda sociedade, em menor ou menor medida, filtra e adiciona suas particularidades a idéias e tecnologias globalizantes”, personifica sociedade, ademais de empregar “filtrar” com referência a “selecionar”. Por isso, aqui se afirma que há uma linha – e isso também tomado em sentido metafórico – muito tênue entre o discurso científico e o discurso comum, que toma o sentido semelhante ao empregado na literatura. Ademais, as analogias e metáforas são características da linguagem do cotidiano. E, ao que parece, pelo tema aqui exposto, também do discurso científico.

Tratando da operacionalização da organização, LLK (2004, 20), referindo-se ao administrador desta o qualifica como “pessoa determinada e organizada”. É, pois, também um juízo valorativo positivo, não neutro. Tratando das condições de trabalho, a mesma autora a elas se refere como “desgastantes”, ou seja, um juízo negativo. Sobre essa atitude e postura de juízo seria possível afirmar que não deixa de estar expressa a visão da autora sobre a situação, ou seja, mais real talvez que se tivesse optado por emitir informações objetivas sobre a organização. Esta postura está no mesmo sentido dos autores que defendem os textos escritos em primeira pessoa para afirmar a autoridade do enunciador.

4 CONCLUSÃO

Foram tomados apenas alguns trabalhos, mas se poderia tomar um a um e a conclusão não haveria de ser diferente: embora se procure abordar um tema objetivamente, com isenção de juízo de valoração subjetiva, não se pode negar que a linguagem coloquial do dia-a-dia interfere na linguagem científica, ao se empregar termos com seu sentido conotativo, mais característicos da literatura que do texto informativo, jornalístico ou científico. Uma das explicações deve-se ao fato de o ser humano não ser apenas um cientista, mas também uma pessoa comum, que no seu cotidiano utiliza uma linguagem comum. Pelo menos não se conhece, ou é raro descobrir, alguém que viva exclusivamente para a ciência. Mas considerando que, no ato de produção o enunciador não deixa de considerar o conhecimento, o meio, nível cultural do enunciatário, a comunicação se efetiva, o produtor empregue um termo em seu sentido conotativo ou denotativo.

Logo, mesmo no texto que se pensa científico não deixam de estar presentes as analogias e metáforas do cotidiano. Há, portanto, nesse aspecto, certa originalidade, sobretudo pela escolha dos termos, do vocabulário e das construções sintáticas pelas quais se opta no momento de escrever. Porém, certamente há quem diga que o discurso científico deva ser o mais objetivo e claro possível e empregar termos em sentido conotativo é tornar a linguagem científica menos séria. E, por último, a construção de novos sentidos se dá pela ousadia e busca de originalidade. Inovar, neste sentido, é arriscar o erro. Mas o mais significativo é que o erro faz parte também da aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUGRAND, Robert-Alain; DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to text linguistics*. Londres: Longman, 1983. In: COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**, 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**, 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FEITOSA, Vera Cristina. **Redação de textos científicos**, 7.ed. São Paulo: Papyrus, 2003.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003

LACAZ-RUIZ, Rogério. **Notas e reflexões sobre redação científica**. In:
www.hottopos.com Acesso em 13/08/2005

Revista Expectativa / Universidade Estadual do Oeste do Paraná, v.2, n.2. Cascavel:
Edunioeste, 2003